
Zé Andrade, Salomão Rovedo e Camões: quando a arte popular recria a memória literária

Zé Andrade, Salomão Rovedo e Camões: when popular art recreates literary memory

Gilda Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro / RGPL / PPLB

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2026.nEsp.a1490>

RESUMO

Camões na arte popular brasileira: na cerâmica de Zé Andrade e num folheto de cordel de Salomão Rovedo

PALAVRAS-CHAVE: Camões; Zé Andrade; Salomão Rovedo; arte popular; literatura de cordel.

Abstract

Camões in Brazilian popular art: in the ceramics of Zé Andrade and a “cordel” pamphlet by Salomão Rovedo

KEYWORDS: Camões; Zé Andrade; Salomão Rovedo; popular art; “cordel” literature.

As pequenas esculturas coloridas de escritores, artistas e personagens históricos, encontradas em livrarias e espaços culturais brasileiros, talvez não revelem, à primeira vista, a singularidade do projeto artístico que lhes deu origem. Seu criador, o artista plástico Zé Andrade, concebeu ao longo de décadas uma verdadeira galeria tridimensional da memória cultural, reunindo mais de uma centena de figuras das letras, das artes, da música, do cinema, do teatro e da história. Chamava-as de “ícones” ou “pílulas de memória”, expressão que traduz bem o propósito de preservar, em miniaturas de forte apelo visual, personagens fundamentais da cultura de muitas datas e geografias.

Naturalmente, o Brasil ocupa lugar central nessa coleção. Nela figuram, entre muitos outros, escritores como Machado de Assis, Jorge Amado, Guimarães Rosa e Monteiro Lobato; poetas como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Manoel de Barros; músicos como Heitor Villa-Lobos, Pixinguinha e Dorival Caymmi; artistas plásticos como Candido Portinari, Burle Marx e Ziraldo; além de personalidades como Santos Dumont e o Profeta Gentileza. Portugal comparece representado por Fernando Pessoa, José Saramago e pela portuguesa-brasileiríssima Carmen Miranda, enquanto Shakespeare, Picasso, Gandhi, Charles Chaplin, o Papa Francisco e tantos outros atestam a diversidade internacional do conjunto. Como se vê, é vasto e rico este particularíssimo “museu imaginário” (Fukelman, 2009, p. 9) de Zé Andrade.

Figura 1 – Algumas peças de Zé Andrade em exposição.



Fonte: Andrade ((202-)).

Caracterizado por Ziraldo como um “artista único no Brasil”, Zé Andrade desenvolveu grande parte de sua produção em Santa Teresa, no Rio de Janeiro, onde instalou o Ateliê Zé Andrade, que também nomeou Vila de São Saruê, em permanente diálogo com a vizinha Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Daí saíram obras que encantaram os visitantes de várias exposições que fez Brasil afora (vale a pena conferir essa trajetória, ainda que incompleta, no site do artista¹). E esse ambiente, marcado pela convivência entre artes visuais e literatura popular, acabaria por ensejar um encontro original e altamente significativo com a obra de Luís de Camões.

Em 2024, quando projetei o colóquio *Quinhentos Camões, o poeta reverberado*, que o Real Gabinete Português de Leitura acolheu de junho desse ano a junho de 2025, para celebrarmos os quinhentos anos do nascimento do poeta, surgiu a ideia de convidar Zé Andrade a integrar essa iniciativa. Graças à amiga comum Clarisse Fukelman (que, sobre suas “pílulas” já escrevera uma sintética, mas arguta

¹ Ver Andrade ((20--)).

apresentação), estabeleceu-se o contato inicial, seguido de uma longa conversa da qual o artista saiu com apreciável material iconográfico sobre Camões, para orientar sua criação.

O resultado revelou não apenas o domínio técnico já comprovado pela produção anterior, mas também fina inteligência interpretativa. Na estatueta concebida para representar o poeta português, Zé Andrade substituiu a pena de escrever, habitual nos seus retratos, por uma expressiva “pena-lança”, fundindo simbolicamente a atividade literária e a experiência militar de Camões. A solução remete diretamente ao célebre verso de *Os Lusíadas* – “numa mão sempre a espada e noutra a pena” (*Lus.*, VII, 79, 8) –, sintetizando, numa única imagem, duas dimensões fundamentais da biografia e da construção simbólica do poeta. Ao mesmo tempo, o artista revisitou outra de suas criações: a miniatura de Dom Quixote, originalmente inspirada nos desenhos realizados por Candido Portinari para a obra de Cervantes. Assim, o tênue diálogo entre os contemporâneos Camões e Cervantes, estabelecido pela escultura, faz aflorar a dimensão ibérica no projeto artístico universalista desenvolvido em Santa Teresa.

Figura 2 – De Zé Andrade: Camões como “pílula de memória em forma de gente”.



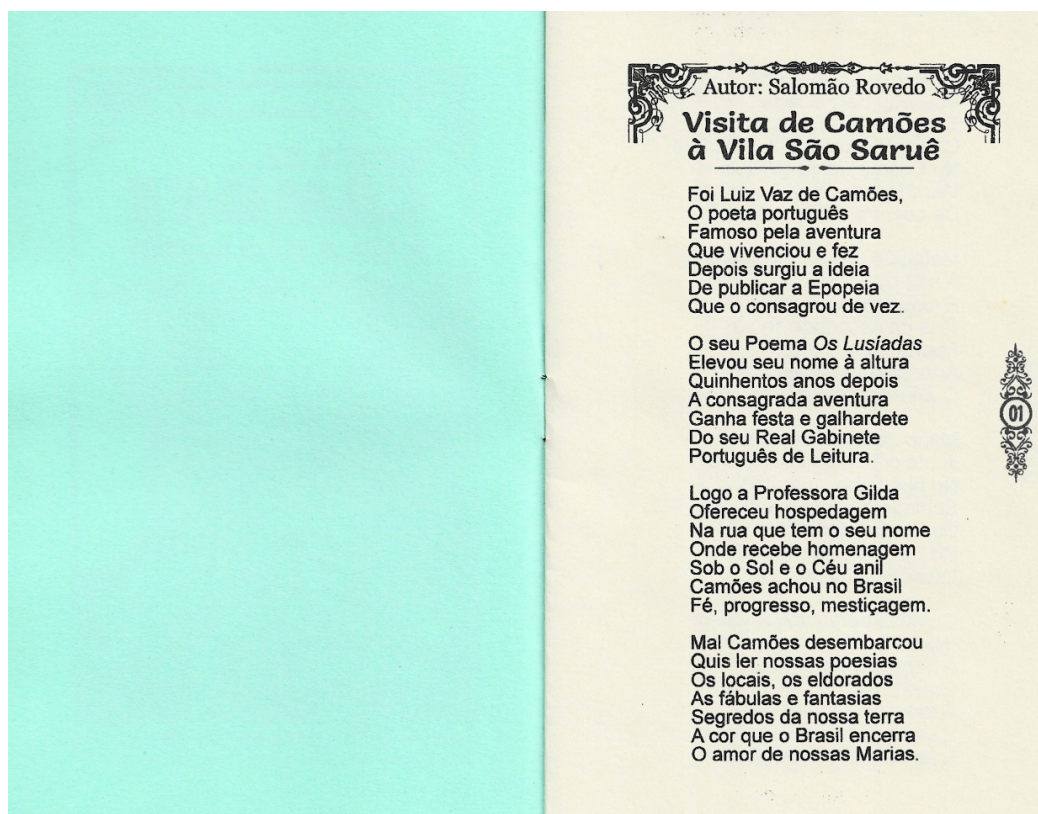
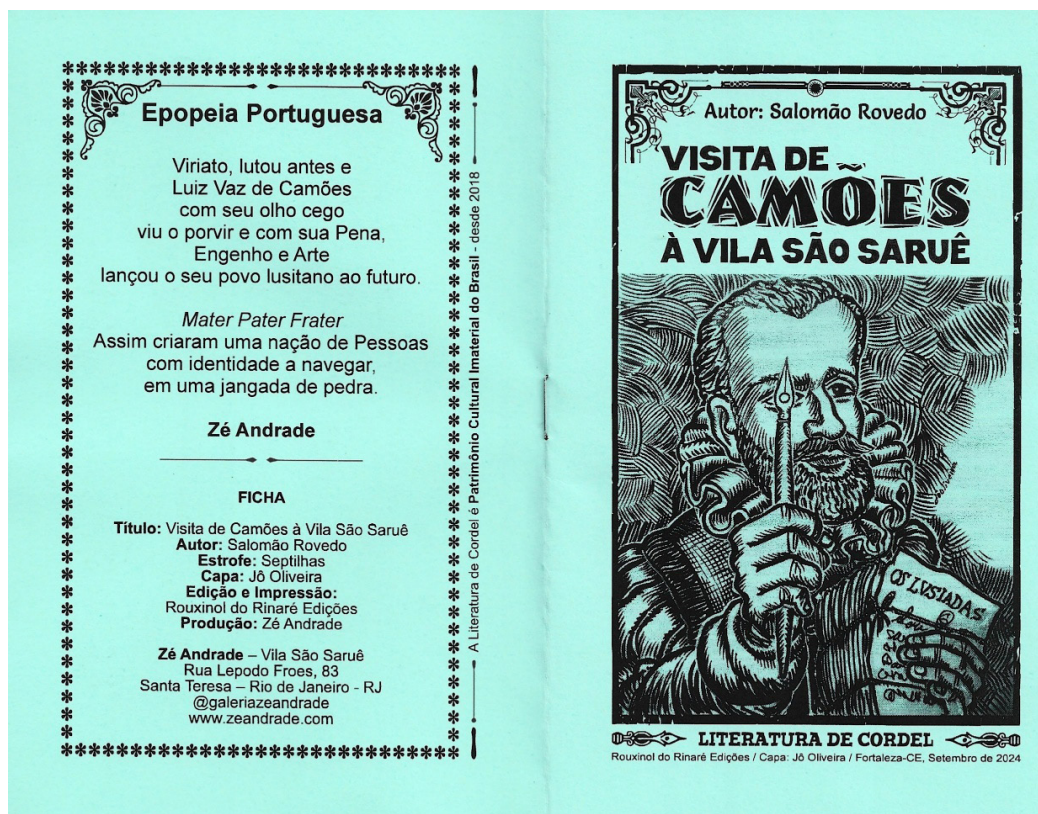
Fonte: Acervo pessoal da autora.

A custosa produção integralmente artesanal da estatueta de Camões dificultou sua comercialização e desconheço quantos exemplares foram efetivamente concluídos. Um deles, entretanto, passou a integrar minha coleção particular, em destaque numa das prateleiras camonianas no meu escritório.

De modo inesperado para mim, a criação da peça logo encontrou um desdobramento na literatura de cordel. Ao apresentar-me esta sua “pílula de memória em forma de gente”, Zé Andrade trouxe consigo o folheto *Visita de Camões à Vila de São Saruê*², de autoria do cordelista Salomão Rovedo. A excelente capa, ilustrada por Jô Oliveira, segue a tradição cordelista e dialoga diretamente com a peça de Zé Andrade – a ponta da pena sobreposta ao olho perdido do poeta faz do orifício a retina faltante –, numa solução gráfica de grande expressividade.

O título do folheto é igualmente significativo. “Vila de São Saruê” remete tanto ao espaço físico de Santa Teresa, ocupado por Zé Andrade, como ao país utópico da abundância consagrado pela tradição da literatura de cordel desde a década de 1940. Nesse universo ficcional, Camões, transportado pela força da poesia para o século XXI, desembarca no Rio e parte do Real Gabinete Português de Leitura em direção a Santa Teresa, onde percorre suas ruas, encontra personagens locais e experimenta as tradicionais comidas do bairro, assim transformado, poeticamente, no verdadeiro país das maravilhas.

² Todas as imagens do folheto de cordel *Visita de Camões à Vila de São Saurê* (Rovedo, 2024) presentes neste artigo fazem parte do acervo pessoal da autora Gilda Santos.



O famoso Lusitano
Passeou pela cidade
Tava querendo encontrar
Carlos Drummond de Andrade
No Cosme Velho ele quis
Ver o Machado de Assis
De quem sentia saudade.

Machado disse: "Camões
A Vila São Saruê
É lugar maravilhoso
Que na na cidade se vê
Aberta o ano inteiro
Arte, cultura, violeiro
O Zé e seu ateliê".

Mário de Andrade o levou
Junto com Manú Bandeira
No bondinho amarelado
Subindo a ponte e a ladeira
Descortinando a beleza
Do bairro Santa Teresa
Que é aquela doideira!

Camões perguntou a Mário:
"Não é em Santa que tem
A Fonte da Juventude?
Onde o Rio de Leite vem
A todos trazer saúde?"
É certo que Camões alude
À fama que Camilo tem.

Quando Camões conheceu
O folheto do Camilo
Ficou todo apatetado
Milagre vendido a quilo
Essa riqueza tamanha
Nem no Reino da Cocanha
Ele tinha visto aquilo.

No Bonde ouviu-se o apito
Estrondoso como o quê
Camões ficou assustado
E quis saber o por quê
Quando viu maravilhado
Um recanto iluminado
Era a Vila São Saruê.

O Poeta foi aplaudido
Por toda comuidade
A multidão o aclamou
Com pompa e dignidade
O acolhimento perfeito
Foi dado pelo Prefeito
Do local – o Zé Andrade!

Os moradores da Vila
Fizeram a recepção
Thiago, Zé e Edite
Clara e mais Don Mião
Também estava Adiel
Que cumpriu o papel
Do cortês anfitrião.

A Vila São Saruê
De glória se iluminou
Pra receber o Poeta
Zé Andrade preparou
Um banquete inusitado
Que Camões entusiasmado
Com muito gosto aceitou.

Camões veio pra farrear
Numa terra sem igual
Toda coberta de ouro
Semeada de cristal
Onde o povo fosse nobre
E não existisse pobre
Do soldado ao general.

Quando chegou o que viu
Deixou-o todo abismado
Gente alegre, culta, forte
Um povo civilizado
De bons tratos, admirável
Alegre, feliz, saudável
Jamais foi tão celebrado.

Descendo do bonde Camões
Conheceu Alda Maria
Que tem em Santa Teresa
A secreta confraria
Se tornou um dos fregueses
De seus Doces Portugueses
Casa de fina iguaria.

Camões foi à A. B. L. C.
De folhetaria famosa
Turma educada e decente
Acolhedora e amistosa
Ouvir Peleja improvisada
Canção, Repente, Embolada
Desafio em verso e prosa.

E também roça de música
Jardim de xilogravura
Varanda de poesia
Ateliê de escultura
Uma rede, uma esteira
Uma cachaça Soleira
Pés de História e Cultura.

Foi levado pra tomar
O banho da mocidade
Onde velho de cem anos
Mergulha e banha à vontade
Mal sai da fonte parece
Que um milagre acontece:
Tem vinte anos de idade.

Pra despertar o apetite
Uma cachaça de entrada
Vinho berde português
Pra acompanhar a salada
A cachaça era específica:
"Só se for a Magnífica!"
Gritou Camões de latada.

Na bancada principal
Com muito prato e panela
Tinha pizza de teiú
Porco assado na gamela
Freva e batata cozida
Buchada de bode ardida
Mais galinha à cabidela.

Moqueca e acarajé
E um xinxim de galinha
O bobó de camarão
Torresmo, porco e farinha
Sarapatel, angu, vatapá
Uns bolinhos de abará
Mais linguíça e costelinha.

Camões comia e suava
Na ardência da pimenta
A comilança afinal
Até o Diabo tenta
Ele ouvia de entremeio
Viola em fado ponteio
E o coração arrebenta.

A Vila de São Saruê
Fervilhava de emoção
O lugar estava cheio
Para ver a atração
Nem todo dia se vê
Camões em São Saruê
É causa de comoção.

Profundamente Camões
Olhando pro céu suspirou
O sol se escondia na Glória
A beleza o enfeitou
Em plena Santa Teresa
Esperando a sobremesa
O poeta improvisou:

"Relembro em São Saruê
Passagens da minha terra,
Poesia, vinho e guitarra
Frio e nevoeiro na serra
Onde o rouxinol não canta
Quando a manhã se levanta
E a luz do sol desenterra!"

Serviram de sobremesa
Doces de Alda Maria
Lelê de milho, canjica
Doce de caju da tia
Mais cocada e mugunzá
Veio o quindim de Iaiá
Baba de moça vadia.

Apois tem mais gostosura
Sardinha na tapioca
Um caruru de rebate
Maniçoba em pororoca
Caldinho de sururu
Licor de cupuaçu
E um cafezinho móca.

Sabendo tardiamente
Da visita inesperada
Muita gente foi chegando
Quase já de madrugada
Luitgarde, Ricardo, Lucenna
Até a Madrinha Mena
Trouxe um prato de cocada.

Aquilo virou romaria
Chegou o César, Aninha
João Luis e Cau
Muito mais gente que vinha
De todo canto do mundo
Não demorou um segundo
Mais nenhum espaço tinha.

Foi Zé Limeira quem disse
Que o Vate português
Via mais com um só olho
Do que nós que temos três
Entre amores, desenganos
Celebra quinhentos anos
Em total embriaguez.

E foi assim que Camões
Ao seu feitio e maneira
Bebeu, comeu, se encantou
E para encerrar a zoeira
Num bar do Largo da Lapa
Comemorou dando um tapa
Num copo de bagaceira.

Santa Teresa, Vila São Saruê,
25 de setembro de 2024.

Fim

A presença de Camões na literatura de cordel está longe de constituir novidade. O extenso levantamento publicado por Matheus de Brito na nossa revista *Convergência Lusíada* (Brito, 2025), bem demonstra a vitalidade dessa tradição, à qual o folheto de Salomão Rovedo soma um exemplo dos mais originais e provavelmente mais recente. Sem dúvida, as suas redondilhas confirmam a permanente capacidade de reinvenção da figura camoniana, que continua a dialogar com diferentes linguagens, públicos e formas de expressão.

Registros publicados por Zé Andrade em suas redes sociais documentam o lançamento conjunto da escultura e do cordel durante o tradicional evento “Santa Teresa de Portas Abertas”, realizado entre 12 e 15 de outubro de 2024. A ocasião marcou o encontro entre artes plásticas, literatura erudita e cultura popular, em consonância exemplar com o espírito criativo que caracterizou a trajetória do artista.

Mais do que uma homenagem a Camões, a pequena obra criada por Zé Andrade demonstra como a memória literária pode renovar-se continuamente quando atravessa diferentes linguagens artísticas. Ao transformar o poeta renascentista em personagem da escultura popular e dar mote à literatura de cordel, o artista reafirmou a atualidade de um clássico e mostrou que a tradição permanece viva justamente quando encontra novas formas de ser contada.

Zé Andrade, nascido na Bahia em 1952, deixou-nos em fevereiro deste ano. Ao recordar aqui sua arte inconfundível, assim pretendo homenageá-lo e mantê-lo vivo entre nós.

RECEBIDO: 30/07/2026

APROVADO: 13/08/2026

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Zé. *Galeria Zé Andrade*. [S. l.], [202-]. Instagram: @galeriazeandrade. Disponível em: <https://www.instagram.com/galeriazeandrade/>. Acesso em: 10 ago. 2026.

ANDRADE, Zé. *Zé Andrade*, [S. l.], [20--]. Disponível em: <https://www.zeandrade.com>. Acesso em: 10 ago. 2026.

BRITO, Matheus. Figurações de Camões na literatura de cordel: trickster, pícaro. *Convergência Lusíada*, v. 36, n. esp. Quinhentos Camões, o poeta reverberado – 2, p. 369-399, 2025. Disponível em: <https://www.convergencialusiada.com.br/rcl/article/view/1416>. Acesso em: 7 ago. 2026.

FUKELMAN, Clarisse. À memória, com afeto. In: SESC Santo André. *Gigantes em pílulas*. Santo André: SESC, 2009. p. 9-10. [Catálogo da exposição de Zé Andrade, com o mesmo título, no SESC/ Santo André, 22 jul/ 6 set. 2009].

ROVEDO, Salomão. *Visita de Camões à Vila São Saurê*. Rio de Janeiro: Rouxinol do Rinaré Edições, 2024.

MINICURRÍCULO

GILDA SANTOS é Doutora em Letras Vernáculas (Literatura Portuguesa) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Vice-Presidente do Real Gabinete Português de Leitura (responsável pelo Centro de Estudos), onde criou, em 2001, o Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras, sendo sua Coordenadora-Geral desde então até 2025. Foi professora de Literatura Portuguesa nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da Faculdade de Letras/UFRJ de 1976 a 2006.